

Com o dossiê *Currículo, subjetividade e diferença*, apresentamos seis artigos, dos quais quatro discutem currículo e dois, temáticas interseccionadas e indispensáveis para o trânsito no território curricular. Entre os quatro, está o de Fernando H. Yonezawa que, a partir de Deleuze, busca outros sentidos para o *aprender* e para o currículo transversal, desterritorializado e aberto à diferença. Ainda na trilha deleuziana, mas adicionando Guatarri, Edilena Maria Corrêa problematiza o currículo oficial de Ciências, “arbóreo”, e apresenta o currículo “rizomático” como alternativa possível.

Os dois artigos interseccionados e indispensáveis a um movimento mais fluido no terreno curricular são os de Pablo Sérgio e Raimundo Martins e o de José Valdinei Albuquerque Miranda, que a despeito de não tratarem diretamente de currículo, dizem muito sobre, especialmente pelos temas tratados e autores acionados. Assim é que Pablo Sérgio e Raimundo Martins refletem os pressupostos epistemológicos dos Estudos Culturais – uma arena que os/as curriculistas ocuparam há anos e não dão sinais de saída – e como os autores do campo educacional movimentam-se entre suas conflituosas heranças críticas e pós-críticas. Não muito distante, José Valdinei Albuquerque Miranda, por meio da perspectiva Hermenêutica Filosófica de Gadamer – prima-irmã da perspectiva pós-crítica de Estudos Culturais e de currículo – para discutir o lugar do intérprete, do diálogo na pesquisa em educação, não como técnica de pesquisa, mas como uma postura filosófica aberta à alteridade do texto. E para mostrar o quanto esta abordagem pode ser útil e produtiva no território curricular, o artigo de Wilher de Freitas Guimarães que, por meio da Hermenêutica Objetiva, investiga o currículo em ação em uma sala de aula de Física, avaliando as diretrizes curriculares para a disciplina em tela. Fechamos a seção com Keilla Mara Soares Tavares e Rita de Cássia Melém da Silva, que buscam compreender como as noções de currículo e de infância são acionadas por professores/as na educação infantil.

Na seção seguinte, uma multiplicidade de temas da cena educacional que inclui higienismo, medicalização docente, tecnologias da informação e comunicação, ensino da dança, morfologia e educação indígena. Antonio Basilio Novaes Thomaz de Menezes fala do higienismo no discurso educacional dos anos de 1920, acionando dispositivos (discurso, saber-poder e biopolítica) do aporte foucaultiano. Nesta trilha, Flávia Cristina Silveira Lemos e Geise do Socorro Gomes discutem a inquietante medicalização de professoras – no ambiente educativo e em todos os níveis de ensino, da educação infantil à pós-graduação – por meio do uso de termos da psicopatologia para classificar suas resistência e, conseqüentemente, desautorizá-las e desqualificá-las. Os conflitos passam a ocupar outro lugar com Monike Caroline Zirke Machado que, acionando Néstor García Canclini, discute as tensões que as Tecnologias de Informação e Comunicação trouxeram para o processo educativo. No cenário das escolas públicas de Belém do Pará, Mary Patrícia Guimarães da Silva e Maria Auxiliadora Monteiro discutem o ensino da dança na prática pedagógica de professores de Educação Física das escolas do ensino fundamental e Zilda Laura Ramalho Paiva e Karla Karolina Azevedo da Conceição, a

partir de pesquisa de campo com alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da rede pública, buscam identificar as possíveis contribuições da Morfologia para o ensino da ortografia da língua portuguesa. Joniel Vieira de Abreu e Marilena Loureiro da Silva refletem sobre o direito à educação escolar dos povos indígenas pós-Constituição Federal de 1988, ressaltando suas garantias legais e o princípio do direito à diferença.

As experiências de escrituras *De Bubua*, de Sandra Mara Corazza, *Anuário* de Anselmo Gomes, *Uma poética dos espelhos: um estudo comparativo entre os contos 'O espelho', de Machado de Assis e Guimarães Rosa* de Glenda Duarte configuram cenários em que alcatifas artesanais misturam cor, movimentos e reflexos, na escritura poética da diferença. Este número fecha com a entrevista com Sandra Corazza, por Thiago Oliveira, que instiga estes lugares e aciona dispositivos outros para se pensar marcas e traços desregulares...

Eis a Artíficos 5, com muitas composições, conversações e escrituras sobre educação. Fica uma convite à leitura.

Belém, junho de 2013.

Joyce Ribeiro e Gerlândia Castro

Conselho Editorial Artíficos